

ENTRE VISTA

Wolfgang Pannek entrevista Marua Baiocchi

*E*coperformance

Uma Política do Corpo

*E*coperformance

A Politics of the Body

RESUMO

Entrevista com Maura Baiocchi, diretora fundadora da Taanteatro Companhia e do Festival Internacional de Cinema Ecopeformance. Na entrevista, Baiocchi fala sobre o percurso artístico que a levou à criação do conceito de ecopeformance e à produção de um festival dedicado a esta temática. Nesse contexto, ela aborda a superação do antropocentrismo nas artes cênicas, referindo-se à transição de AntropoCena e SimbioCena, outros dois conceitos cunhados por esta coreógrafa brasileira.

Palavras-chave: Ecopeformance; Ecorporalidade; AntropoCena; SimbioCena; Taanteatro.

ABSTRACT

Interview with Maura Baiocchi, the founding director of Taanteatro Companhia and the International Ecopeformance Film Festival. In the interview, Baiocchi talks about the artistic journey that led her to the creation of the concept of ecopeformance and the production of a festival dedicated to this theme. In this context, she addresses the overcoming of anthropocentrism in the performing arts, referring to the transition of AntropoScene and SimbioScene, two other concepts coined by this Brazilian choreographer.

Keywords: Ecopeformance; Ecorporeality; AntropoScene; SimbioScene; Taanteatro.

WOLFGANG PANNEK: Desde 2021, você dirige o *CineFestival Internacional de Ecoperformance*, um projeto de realização anual, com ressonância crescente, junto aos meios artísticos e acadêmicos, à imprensa e ao público em geral. Ao chegar em sua terceira edição, em 2023, o festival totaliza a apresentação de mais de 200 filmes criados por artistas de cinco continentes e mais de quarenta países. O que motivou você a criação deste projeto, qual é a missão do festival e como você avalia a evolução dele até o presente momento?

MAURA BAIOCCHI: Desde sua fundação, em 1991, a Taanteatro Companhia tratou de temas que abordassem corpo e meio ambiente de forma ecopoética e ecoética. Na verdade, essa inclinação é anterior à companhia. Surgiu no final dos anos 1980, quando comecei a performar imersa na natureza. Naquela época, eu chamava esse tipo de trabalho de *environmental performance*. Em 2008, quando iniciei a concepção do solo *DAN devir ancestral*, passei a chamá-lo de ecoperformance. Desde então, e paralelamente a outros projetos, focados em obras de dramaturgos, filósofos e artistas plásticos, bem como em questões sociopolíticas, de gênero e descoloniais, desenvolvemos a prática e a teoria da ecoperformance dentro da Taanteatro Companhia.

O *CineFestival Internacional de Ecoperformance* teve origem na prática ecoperformativa da companhia e na realização de *Fórum de Ecoperformance*. Entre 2010 e 2019, no Brasil e na

Argentina, realizamos quatro edições desse fórum, reunindo artistas, produtores, jornalistas e o público das artes cênicas. Esse eventos, com programações compostas por palestras, debates, projeções de vídeos e performances ao vivo tinham títulos sugestivos como *O meio ambiente é a gente* ou *O meio ambiente como performance*.

Então, foi muito natural chegarmos ao Festival Internacional de Ecoperformance em 2021.¹ A primeira edição de festival ocorreu num dos períodos mais graves da pandemia da Covid-19 e mediante um governo avesso às artes, ao meio ambiente e aos povos originários do Brasil. Achávamos urgente tratar dessas questões, não só como forma de arte e linguagem poética do corpo, mas, ao mesmo tempo, como posicionamento ético e político.

Criamos o festival por termos, eu não diria uma missão, mas uma vocação, incentivada por minha experiência pessoal. Nasci em fazenda e vivi, desde da infância, em contato intenso com a natureza. Então, eu não podia deixar de abordar a relação entre corpo e meio ambiente em tudo que faço. Não somente no sentido de enaltecer a natureza, mas também de colocar questões, propor reflexões ou fazer denúncias e de convidar o público a trilhar um caminho instigante onde ele não se esquece dessa questão. O festival exerce essa função comunicativa multifacetada de forma ampliada por ser anual e internacional.

¹ Em 2023, o Festival Internacional de Ecoperformance foi rebatizado de Cinefestival. Nota do editor.

Somando as três primeiras edições do festival, recebemos mais de quinhentas inscrições de cinco continentes e apresentamos cerca de 140 trabalhos online e de forma presencial. O processo de seleção curatorial é bastante exigente, pois há trabalhos interessantes e belos vindos do mundo inteiro. De qualquer forma, é um projeto muito feliz, com ressonância positiva e desdobramentos surpreendentes na forma de entrevistas, palestras, debates, publicações, seminários, cursos e projeção de trabalhos selecionados para alunos de escolas e universidades do Brasil e de outros países. como Argentina, Canadá, Estados Unidos, França, Noruega, Tailândia e Turquia. A colaboração institucional com diferentes faixas etárias é mais um sonho sendo realizado ao mostrar o poder educativo das artes por meio de ações concretas.

WP: O festival é uma plataforma de difusão de obras *eco[po]éticas* que operam na interseção da performance, do cinema e da ecologia. Quais são os aspectos distintivos da ecoperformance e como esse conceito se relaciona com outra noção de seu pensamento performativo, a *ecorporalidade*?

MB: A ecoperformance tem afinidade com outras modalidades performativas e artísticas (entre as quais o site-specific, a intervenção urbana ou a landart) realizadas, digamos, *outdoors* ou em ambientes não-convencionais. De fato, pode ocorrer em qualquer meio ambiente, na natureza, em ambientes

urbanos, virtuais (e, até mesmo, em teatros) desde que esteja alicerçada num tripé conceitual que envolve o meio ambiente, o corpo e a ancestralidade. Esse tripé, elaborado aos poucos ao longo dos últimos quinze anos, particulariza a ecoperformance, sobretudo, por incluir a ancestralidade. Ancestralidade tem a ver com memória. Uma memória não somente pessoal do performer, mas uma memória geológica, biológica e cultural, ou seja, uma memória ambiental complexa.

O corpo da performer não é um corpo abortado, não nasceu de um ato mágico, do nada, mas vem de jogos de forças antiquíssimos da Natureza e de genes muito antigos, ou seja, de uma ancestralidade planetária, assim como o planeta Terra possui uma ancestralidade cósmica ilimitada em termos espaço-temporais. Em outras palavras, não estamos falando apenas de uma ancestralidade que se esvai, ligada ao passado e aos antepassados humanos, mas de uma ancestralidade vinculada a todas as formas de vida e projetada para o amanhã, para um tempo por vir.

Então, diante da diversidade de dimensões, elementos e tensões que constituem e habitam o corpo e considerando a abertura da ancestralidade para o futuro, quais são as perguntas que nós enquanto performers devemos fazer agora? Uma delas é: que ancestral quero ser para meus descendentes? E junto dessa pergunta vem uma outra que é: que mundos quero construir com minha arte, com meu trabalho, com a minha vida? São perguntas subjazem à ecoperformance e que sublinham seu caráter

ecopoético. Implicam também que nossos descendentes tenham a oportunidade de colaborar com a criação de seu presente e futuro.

Essas perguntas são necessárias. Caso contrário, corremos o risco de conceber e realizar obras excessivamente centradas na noção de *anthrôpos*; todas as obras muito antropocêntricas. Nós imaginamos e desejamos um corpo mais expandido. E aqui chegamos ao conceito de ecorporalidade, que propõe um corpo que não está isolado de outros corpos, seres e vidas. Um corpo composto e operando em redes energéticas. Precisamos observar essa noção de corpo não só em nossa produção artística, mas também na produção de nosso cotidiano. O performer precisa incorporar essa noção de um corpo abraçado e atravessado pelo ambiente, pelo planeta, pelo mundo e suas circunstâncias, um corpo em constante tensão com todas as coisas com as quais se relaciona, e vice-versa. Todos os corpos, não apenas o corpo humano, são produtores de relações ou, nos termos do Taanteatro, produtores de tensões.

Almejamos tensões positivas e propositivas – tensões que podem refletir e melhorar o mundo. Em nossa proposta, a ecorporalidade e a ecoperformance se combinam em uma política do corpo e do performer, do corpo-performer ampliado, e de corpo-natureza-mundo-circunstâncias-eventos inter-relacionados. Não por aquela coisinha ali: meu corpo, meu mundinho, minha arte. Esse Eu, que se pensa como o centro do mundo, precisa se repensar. Precisa tentar evoluir de forma simbiótica com toda a vida

e todos os seres animados e inanimados que convivem com e fazem parte de nosso corpo e tornam nossas vidas possíveis. Sem plantas, sem animais, sem água, sem o ar que respiramos, sem o planeta respirando bem, sem um planeta feliz, também ficaremos tristes.

WP: Em outras palavras, a ecoperformance supera a perspectiva antropocêntrica das artes performativas?

MB: Talvez seja impossível transcendermos por inteiro os limites da perspectiva existencial e cognitiva determinados por nossa condição humana. Mas, é possível dizer que ecoperformers mergulham nessa tentativa de diferenciação e ampliação tanto de suas perspectivas quanto do princípio dramático antropocêntrico da performance. É o mínimo que performers tem de fazer, tentar. Obviamente, não somos idênticos aos outros seres e às paisagens que habitamos. Não somos a água do mar, não somos aquela árvore, e vice versa. Se fossemos idênticos ao nosso mundo, não haveria necessidade de performar. Mas somos formas de vidas ao mesmo tempo distintas e aparentadas, entrelaçadas no contínuo vital. E, poeticamente, a partir dessas tensões de diferenças-afinidades, podemos produzir as realidades diversas e infinitas, incluindo a transmutação entre formas de ser e espécies. Essa simbiose, ela precisa pelo menos ser tentada. Performers que incorporaram essa ideia já são ecoperformer.

WP: No trabalho conceitual do Taanteatro, a tentativa de superação do antropocentrismo das artes performativas através da ecoperformance está associada à proposta de um câmbio paradigmático mais amplo: a despedida de uma *AntropoCena* em direção a uma *SimbioCena*. Você poderia comentar essa proposta e sua relação com o pensamento do filósofo ambiental australiano Glenn Albrecht?

MB: Atualmente, vivenciamos essa tensão produtiva de reflexão sobre a partida do *Antropoceno* em direção a um período futuro, o *Simbioceno*. O antropoceno, conceito proposto por Crutzen, designa a era geológica atual que teve início com a revolução industrial e que foi, pela primeira vez, determinada pelo impacto da ação humana sobre a Terra. Albrecht propõe uma linha de fuga verde para superar o antropoceno e suas correlativas condutas ambientais destrutivas rumo a novas formas de convívio, não livres de conflito, mas em benefício mútuo: o simbioceno. De maneira análoga a esse câmbio de paradigma nas geo-ciências, o Taanteatro propõe no campo das artes performativas uma saída da *AntropoCena* em direção à *SimbioCena*. Ou seja, uma despedida de uma concepção das artes performativas definida pela centralidade do antrópico em direção a uma performatividade descentralizada que situa toda/os agentes da cena, humanos ou não, no mesmo plano. Não afirmamos já saber o que é a simbiocena mas estamos em busca da simbiocena. Similar ao que eu disse anteriormente, essa tentativa, essa busca já é o trabalho ou a arte

que precisa ser desenvolvida. Nós não temos a pretensão de dizer ,essa cena que fizemos aqui é uma simbiocena'. Mas nós temos a pretensão de dizer que ,nós estamos realizando poéticas que mostram esse nosso processo em direção à uma simbiocena e, conseqüentemente, à um simbioceno'.

WP: O governo brasileiro recém-eleito oficialmente reposicionou o país em termos ecológicos. Tanto em relação ao desenvolvimento industrial, que, segundo o presidente Lula, deve ser verde, quanto à preservação dos mais importantes biomas brasileiros - Amazônia, Cerrado, Sertão - e à proteção dos direitos dos povos originários. Como você enxerga o papel de seu trabalho artístico neste contexto ecológico mais abrangente?

MB: O governo anterior não tinha nenhum interesse positivo no meio ambiente, nenhum respeito, amor ou cuidado. Estava investido exclusivamente na exploração e destruição ambiental, sem observar a sustentabilidade. Considerando as declarações dadas e medidas anunciadas, eu espero que governo atual vai finalmente se interessar pelo que estamos propondo. Dependemos de um certo interesse e investimento institucionais para garantir a sustentabilidade econômica e, portanto, o futuro do festival.

O trabalho concretizado pelo Festival Internacional de Ecoperformance tem um poder de penetração comunicativa grande por ter o filme como suporte. A transmissão do programa pela

internet amplia e diversifica nosso público e, por consequência, potencializa seu alcance político. Nós esperamos poder ampliar esse alcance ainda mais. A obra artística, por comunicar-se via linguagem poética, tem um poder grande de passar mensagens, inclusive mensagens sociopolíticas. Esse poder da arte opera pela via dos sentidos e da interlocução dos sentimentos. Torna-se efetivo por afetar o coração. Obviamente, a razão também atua mas antes como uma forma de emoção. A arte apela primeiramente às emoções e, assim, para uma estética que transcende até mesmo os conceitos do belo e do feio.

Eu acredito que o poder da arte de atingir um público através das linguagens do filme, da dança, fotografia, música e literatura é mais profundo do que uma notícia jornalística tratando do mesmo assunto. O performer tem esse poder em mãos. Um poder sinestésico de chegar na sensibilidade e memória do público e de incorporá-lo por meio de imagens, sons, movimentos e mensagens. Este poder deve ser levado a sério.

WP: A relação ser humano-natureza é frequentemente conflituosa. O objetivo da ecoperformance é principalmente harmonizante ou inclui também dimensões dissonantes?

MB: Anteriormente, eu mencionei a relação de tensão entre todas as coisas vivas ou não. O mundo está fluindo o tempo todo, mas num fluxo de tensão, em redes tensivas. O conflito é inerente a todo ser, todo acontecimento. Relações harmoniosas não estão

salvas de conflitos e relações conflituosas tem dimensões harmonicas. Então, é natural a presença de conflitos e harmonias (conflitos-harmonias) em ecoperformances. Para nós, conflito não é sinônimo de negatividade. Sim, a violência da guerra é negativa. Mesmo na forma legítima de autodefesa é muito ruim. Somos seres paradoxais. Cometemos violências em nome de um bem maior. Guerra em busca da paz; mas paz para um lado só.

WP: Quais são seus desejos e suas expectativas em relação ao futuro do Festival Internacional de Ecoperformance?

MB: Ecoperformance tem basicamente dois formatos: o formato da performance presencial, feita ao vivo, e o formato em filme. O festival é realizado online e em cinema. Não visa a apresentação de documentários de obras concebidas para eventos presenciais, mas o compartilhamento de ecoperformances enquanto filme. Por este motivo, ressaltamos atualmente a importância da linguagem cinematográfica. Essa tendência vai ficar cada vez mais preeminente e será também um critério de seleção. Tanto que a terceira edição se chama agora International Ecoperformance Filmfestival. Mas essa ênfase não impede, no futuro, a realização de um festival ampliado com logística adequada para uma programação de ecoperformances em seu formato original, presencial e ao vivo.